



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

LUANA OLIVEIRA DE MELO MACHADO
REPORTAGEM ESPECIAL MULTIMÍDIA - PARE, ESTAMOS EM GREVE: UMA
SEMANA EM 1983

[MEMORIAL DESCRIPTIVO]

SÃO PAULO
2024

LUANA OLIVEIRA DE MELO MACHADO

REPORTAGEM ESPECIAL MULTIMÍDIA - PARE, ESTAMOS EM GREVE: UMA SEMANA EM 1983

[MEMORIAL DESCRIPTIVO]

Memorial descritivo apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Jornalismo da Universidade de São Paulo, como requisito obrigatório para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professor. Dr. Alexandre Barbosa

SÃO PAULO
2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família: minha mãe, meu avô, minha avó e meu irmão, por sempre me apoiarem de coração aberto e olhos atentos. À minha tia e minhas primas, Jéssica e Mayana, por todo o apoio, amor e compreensão. Sem eles essa história não existiria.

Ao meu orientador, professor Alexandre Barbosa, por entender e cumprir à risca o significado da palavra orientação. Todo meu agradecimento pela paciência e por não soltar minha mão mesmo nos momentos mais intensos deste projeto. Aos professores

À minha cidade, Salvador. Porque a história que eu escolhi contar e a minha própria também começam lá.

À família que coletei ao longo do caminho: Felipe, Victor e Suanne, por serem meu lar fora dele. À Alice, Ana e Thâmara que, mesmo distantes, se fizeram presentes escutando meus anseios e reclamações e sempre me incentivando. E à Camila e Julia, as generosas surpresas que São Paulo me proporcionou e meus suportes nesta caminhada que é o jornalismo.

Aos amigos que fiz e me acolhem dentro e fora das paredes do Departamento de Jornalismo e Editoração. Cadu, Mateus, Mara, Ana Carol e Mariana, essenciais nesta trajetória.

Ao Pedro Guilherme por ter existido nestes corredores e sido meu parceiro em trabalhos e, mais que tudo, na vida. Estes anos na Universidade de São Paulo teriam valido somente por ter feito parte de sua breve e linda passagem. Para sempre você estará comigo.

Por fim, agradeço a todos que cederam as histórias e as vozes para a realização deste projeto: ao Alencar, Antonio, Mundinho (Raimundo), Wanda e Santarosa.

RESUMO

“Pare, estamos em greve: uma semana em 1983” é uma reportagem especial veiculada em formato de podcast com um site de apoio, que busca trazer relatos sobre a trajetória do movimento sindical petroleiro durante a ditadura militar, com enfoque na Bahia e em Campinas, e analisar as reverberações do marco histórico da greve de 1983. O presente trabalho compreende entrevistas com petroleiros anistiados das refinarias de Mataripe/Landulpho Alves e Paulínia com o objetivo de ampliar o debate sobre a questão sindical brasileira e o processo de sucateamento da Petrobras e dos direitos trabalhistas que se deu durante o período militar.

Palavras-chave: Greve de 1983, ditadura militar, Petrobras.

ABSTRACT

“Pare, estamos em greve: uma semana em 1983” is a special report broadcast in podcast format with a supporting website, which seeks to provide an account of the trajectory of the oil union movement during the military dictatorship, with a focus on Bahia and Campinas, and to analyze the reverberations of the landmark 1983 strike. This work includes interviews with amnesty oil workers from the Mataripe/Landulpho Alves and Paulínia refineries with the aim of broadening the debate on the Brazilian trade union issue and the process of scrapping Petrobras and labor rights that took place during the military period.

Keywords: 1983 strike, military dictatorship, Petrobras.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5.... 6
2. OBJETIVO.....	6... 7
3. JUSTIFICATIVA.....	7....8
4. PROCEDIMENTOS TÉCNICOS.....	8.. 14
4.1 Processo de pré-produção.....	9.....10
4.2 Cronograma de atividades.....	10.....13
4.3 Produção: gravação, decupagem e roteiro.....	13
4.4 Pós-produção.....	13..... 14
5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	14
6. ROTEIRO.....	14.....34
7. REFERENCIAL TEÓRICO	34...35

1. INTRODUÇÃO

Desde criança, escutei as histórias de meu avô sobre a ditadura militar. Ele mostrava para mim e meus primos os papéis que recebeu da Comissão da Verdade e registros fotográficos de suas viagens para Brasília, Rio de Janeiro e Cuba durante o período que ficou à frente do Sindipetro Bahia, de 1975 a 1982. Mesmo assim, só fui entender o que representou o movimento sindical petroleiro naquele momento da história do país anos depois, quando já estava na faculdade de jornalismo.

Entrei no curso em 2020, quando passei no vestibular da Fuvest. Minha família me apoiou imensamente na escolha da minha futura profissão e na minha mudança de cidade, de Salvador para São Paulo. Eles também me incentivaram a manter meu olhar, mesmo que distante, voltado para onde vim e o que conheço. Eles me falaram constantemente durante os quatro anos de curso que eu deveria pautar a história do meu avô.

Embora não faltassem oportunidades, decidi não empenhar essa tarefa nas produções laboratoriais, pensando que ainda não possuía o conhecimento técnico e prático para me debruçar sobre o tema da forma como ele merecia.

Foi em 2023, quando acompanhei meu avô no evento de celebração dos 40 anos da greve de 1983, realizada na sede do Sindipetro Campinas, que realmente iniciei a tarefa. Conheci

diversos petroleiros aposentados, sindicalistas na ativa, todos reunidos como amigos de longa data. Também lembrei da efeméride dos 60 anos do golpe no ano que viria e compreendi que era o momento de iniciar esse projeto.

Voltei da viagem já com alguns relatos, coletados de forma informal, e com o título do trabalho, definido a partir de uma imagem da exposição “Lutas e Memórias da Greve de 1983”, que reuniu várias fotografias, documentos e jornais da época, na qual um grevista segurava o cartaz com o slogan “Pare, estamos em greve”. Quando retornei para Salvador após essa visita, reli os documentos que meu avô possuía em casa e dei início a uma fase de pré pré-produção.

Nesse momento, fiz visitas também à ABRASPET, a Associação dos Anistiados Políticos do Sistema Petrobras, em Salvador. Com isso, compreendi que, caso levasse adiante essa ideia, teria que ser um material que não deixasse de lado minha conexão pessoal com essa história.

E é nesse contexto que a produção desta reportagem começou a se delimitar: com a intenção de entregar para a conclusão deste curso um projeto que contribuísse para a ampliação da memória sobre o sindicalismo brasileiro na ditadura e se desvia do hard news no qual o jornalismo coloca a pauta sindical.

2. OBJETIVO

Este projeto tem como objetivo final a produção de uma reportagem especial multimídia, veiculada em podcast e com um site para apoio de conteúdo visual, abordando a trajetória do movimento grevista dos petroleiros em 1983, bem como o panorama do sindicalismo da categoria durante as décadas da ditadura militar.

O opodcast será disponibilizado por meio de um site hospedado na plataforma Wix, sob o título da reportagem especial “Pare, estamos em greve: Uma semana em 83”. O link do podcast será incorporado nele, além de uma galeria de fotos com legendas sobre a refinaria de Mataripe e registros da própria greve exposto na mostra “Luta e Memórias da Greve de 1983”.

O objetivo do conteúdo veiculado tanto no site quanto no incorporador de áudio Spotify é ampliar o acesso ao produto, que pode ser visto e escutado de forma gratuita em ambas as plataformas.

3. JUSTIFICATIVA

Inicialmente, escolhi fazer um produto jornalístico no formato mini documentário, de até 15 minutos, por conta das imagens que havia coletado durante minhas visitas iniciais ao Sindipetro Campinas e à ABRASPET e também pelo fácil acesso às imagens digitalizadas do período da greve pelo Sindipetro Unificado para a realização da exposição “Lutas e Memórias da greve de 83”.

Porém, decidi modificar o formato para realizar uma reportagem especial multimídia com a utilização de áudio e conteúdo imagético numa página web. Isso aconteceu tanto pelos obstáculos técnicos durante a produção - me deparei, por exemplo, com a problemática de realizar gravações mais intimistas com os entrevistados, que possuíam dificuldade de locomoção e acessibilidade - quanto por afinidade de formato. É importante ressaltar que, como a maior parte dos formandos em jornalismo, possuo uma afinidade adquirida por experiências no curso e fora dele. Estagiei por quase dois anos em uma rádio e sempre gostei das disciplinas e laboratórios relacionadas ao radiojornalismo durante a graduação.

Também optei pelo radiojornalismo para valorizar a diversidade de vozes e sotaques dos personagens. Neste produto, ressaltamos a diferença salarial entre os trabalhadores do Nordeste e Sudeste do Sistema Petrobras e trazemos as vozes de funcionários com raízes na Bahia, Sergipe e no Ceará. Além, claro, da minha própria narração. Acredito que valorizar sotaques nordestinos na produção radiojornalística é também reafirmar a importância da diversidade nos cursos, redações e, efetivamente, nas produções jornalísticas.

Por isso, optei pela mudança de formato e valorizei no roteiro do projeto os relatos e memórias da oralidade. A trilha sonora deste projeto, por exemplo, composta por músicas de Gonzaguinha e Chico Buarque, foi definida por indicações dos próprios personagens, que me contaram as músicas que escutaram e marcaram o período da greve.

Com o entendimento da riqueza do material visual que também possuía em mãos, e por observar a forma como o radiojornalismo se amplia nos últimos anos através de *lives* e *sites*, decidi pela produção de um site também. O site foi criado para hospedar o link do podcast e também para contribuir com informações extras, que os ouvintes podem se interessar ao escutar a reportagem, como fotografias da construção da Refinaria de Mataripe e arquivos do Sindipetro que remontam a época da greve.

Acredito que, tanto o tema da pauta quanto o formato em que ela está sendo veiculada, contribuam para inspirar mais trabalhos, discussões e reportagens sobre o sindicalismo no período da ditadura militar e trazer cada vez mais os relatos dessas fontes em primeira pessoa.

4. PROCEDIMENTO TÉCNICOS

4.1 Processo de pré-produção

O projeto teve início com a realização de um levantamento histórico acerca do movimento sindical dos petroleiros na década de 80, bem como do contexto econômico e político durante o governo do presidente militar João Batista Figueiredo, que culminaram na Greve de 1983. Para isso, foram analisados registros fotográficos e documentos da época, fornecidos pelo Sindipetro - como atas de assembleias, notícias e boletins.

Também procurei autores que norteiam e realizam pesquisa acerca da temática sindical brasileira na ditadura e sobre o movimento grevista dos petroleiros na década de 80.

Foram ainda analisados documentários, livros e artigos que abordam o assunto da ditadura militar brasileira, em especial nos anos em que se sucederam os eventos estudados, o sindicalismo e a categoria petroleira. Baseei-me no livro Seis de Julho: a greve dos petroleiros de 1983 (2023) e Aprendendo na luta: a história do sindicato dos petroleiros de Campinas e Paulínia (1997), ambos realizados pelo professor titular na Faculdade de Educação da Universidade de Uberlândia Carlos Alberto Lucena, cuja extensa pesquisa acerca da Petrobras e a história do sindicalismo petroleiro no Brasil norteou este projeto. Foram de suma importância também a tese de Alex de Souza Ivo e as produções do próprio Sindipetro Unificado.

Após isso, a etapa seguinte foi a de mapeamento dos personagens e fontes. A coleta dos relatos é essencial neste trabalho para a compreensão do público sobre os acontecimentos internos e o impacto da mobilização na trajetória dos trabalhadores e do movimento sindical brasileiro. Por isso, a lista abrangeu líderes sindicais ativos do Sindipetro Bahia e Campinas, membros da direção da Associação de Anistiados de Campinas e da ABRASPET Bahia, petroleiros aposentados e familiares deles.

O mapeamento foi realizado a partir de contatos que já possuía, tendo em vista que partiram da minha conexão familiar com o tema, bem como personagens que conheci no evento de comemoração dos 40 anos da greve e também derivados da pesquisa realizada.

A partir disso, montei uma lista contendo doze nomes, entre personagens e fontes, que seriam entrevistas em formato de áudio, utilizando gravador TASCAM, e também vídeo, com equipamentos disponibilizados pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da USP, pelo Sindipetro Campinas e pela ABRASPET.

4.2 Cronograma de atividades

Em seguida, formulei um cronograma de atividades, com datas para as viagens, por conta da distância geográfica entre as duas localidades nas quais estão as fontes e personagens, prazo para realização das gravações das entrevistas, decupagem, produção de roteiro e edição.

O cronograma inicial teve que ser reformulado a partir da necessidade já descrita em modificar o formato do trabalho de um curta documentário para reportagem multimídia em podcast e site. Abaixo os dois cronogramas formulados: o anterior com as atividades e prazos do curta documentário (1) e da reportagem multimídia (2).

1-

Etapas do projeto	Mês 1: Janeiro	Mês 2: Fevereiro	Mês 3: Março	Mês 4: Abril	Mês 5: Maio	Mês 6: Junho	Mês 7: Julho
Leitura e coleta	X	X					

de material bibliográfico						
Contato com as fontes	X	X				
Pré-produção (pauta e calendário das entrevistas)	X	X				
Gravações		X	X			
Transcrições das entrevistas			X			
Roteiro				X		
Edição				X	X	X
Entrega primeiro corte					X	
Revisão do orientador					X	X
Correção						X
Entrega da versão final						X
Elaboração do						X

2 -

Etapas do projeto	Mês 1: Janeiro	Mês 2: Fevereiro	Mês 3: Março	Mês 4: Abril	Mês 5: Maio	Mês 6: Junho	Mês 7: Julho
Leitura e coleta de material bibliográfico	X	X					
Contato com as fontes	X	X					
Pré-produção (pauta e calendário das entrevistas)	X	X					
Gravações		X	X				

Transcrições das entrevistas			X	X			
Roteiro				X	X		
Edição					X	X	
Entrega primeiro corte						X	
Revisão do orientador						X	
Correção						X	
Entrega da versão final						X	
Elaboração do memorial						X	
Preparação da defesa						X	
Defesa							X

4.3 Produção: gravações, decupagem e roteiro

Com a realização do cronograma, as atividades de produção tiveram início com o agendamento das entrevistas, realizado entre março e abril, tendo em vista que fontes tiveram que sofrer remarcações e outras tiveram que ser abandonadas, como a gravação programa com a diretora do Sindipetro Bahia, Elisabete Sacramento. A partir da marcação das datas das entrevistas, realizei as primeiras delas em Campinas, durante dois finais de semana de abril. Nesses dias, realizei seis gravações com fontes e personagens.

Posteriormente, entre abril e maio, foi a vez de gravar em Salvador, onde realizei outras cinco gravações. Ao final, foram feitas onze entrevistas com fontes e personagens entre petroleiros aposentados, petroleiros anistiados, membros da direção da Associação de Anistiados Políticos do Sindipetro Campinas, membros da direção da ABRASPET e sindicalista da categoria na ativa.

Realizadas as entrevistas, dei seguimento para o processo de transcrição e decupagem. Elas foram realizadas com auxílio da plataforma Google Pinpoint, disponibilizada de forma gratuita para estudantes de jornalismo e jornalistas formados. Então, a partir disso, o roteiro começou a ser idealizado.

Nesse momento, averigüei a necessidade de realizar a mudança de formato e passei a tocar dois roteiro de forma simultânea: um roteiro de mini documentário e outro para podcast. Com a finalização de ambos os roteiros, realizei a entrega para o orientador, o Prof. Dr. Alexandre Barbosa. Em concordância, optei por abandonar o roteiro de documentário e dei início ao processo de pós-produção.

4.4 Pós produção

Com o roteiro finalizado, realizei o corte dos trechos das entrevistas, seleção de trilhas e background. Para essa etapa, contei com a estrutura do Laboratório de Jornalismo (Labri) da Escola de Comunicações e Artes da USP. Também contei com a colaboração da filmmaker e técnica de som Beatriz Oliveira.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto jornalístico “Pare, estamos em greve: Uma semana em 83” é uma reportagem especial que aborda as memórias dos grevistas da greve dos petroleiros de 1983, bem como traz um pouco do panorama sindical do período da ditadura militar brasileira.

É composto por entrevistas com sete anistiados do Sistema Petrobras, sendo três deles ex-funcionários da Refinaria de Paulínia, em Campinas, e outros quatro da Refinaria de Mataripe, na Bahia.

O material produzido está disponível no [website](#) e através deste [link](#). Neles, estão hospedados o áudio incorporado no SoundCloud, em uma conta criada para a reportagem especial, e os materiais extras fotográficos e textuais no site.

Ao todo, a produção e execução duraram cinco meses, contando com a produção, roteirização, gravação e edição. Para as gravações, foram utilizados equipamentos fornecidos de forma gratuita pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da USP, pelo Sindipetro Campinas e pela ABRASPET.

Para a edição, foi utilizado o Laboratório de Jornalismo (Labri) da USP e também o apoio na mixagem e sonorização de da filmmaker e técnica de som Beatriz Oliveira.

Para a produção, foi gasto valor monetário para a mixagem e sonorização, bem como os meus custos ao ir a Campinas duas vezes e para Salvador uma vez para realizar as gravações.

6. ROTEIRO DE GRAVAÇÃO

LOCUÇÃO	TÉCNICO
Está começando a reportagem especial Pare: Estamos em Greve	Vinheta (Vinheta Radio Sintonizando)
Eu sou a Luana Machado e neste episódio vamos do Sudeste ao Nordeste do país para contar a história de uma das maiores greves do período ditatorial do Brasil.	
	Trilha 1
Em 2008, eu escutei pela primeira vez a história do meu avô. Naquele dia, eu e meu irmão chegamos da	BG Som folheando páginas

<p>escola e encontramos ele sentado na sala com alguns papéis.</p> <p>Lembro dele pedir para meu irmão ler em voz alta o conteúdo daquelas quatro folhas com o brasão da República.</p>	
<p>SON [GONÇALO]</p> <p>Aqui tem todas as atividades: agosto de 1985 compareceu ao quinto encontro nacional dos trabalhadores do petróleo, em outubro de 1982 foi para Cuba em viagem com os dirigentes do Sindicato dos Petroleiros, participou de marcha com integrantes do movimento oito de outubro e da ação libertadora nacional.</p>	<p>[38”]</p>
<p>No segundo mandato Lula, meu avô, assim como muitos brasileiros monitorados durante o governo militar, recebeu os registros do SNI, o Serviço Nacional de Informações.</p> <p>Meu avô, nascido no interior de Sergipe, migrou aos 19 anos para Salvador, onde começou a trabalhar na Refinaria Landulpho Alves.</p>	
<p>SON [GONÇALO] A greve nossa em 83, ela foi um marco na política sindical brasileira e até então não se havia feito greve em categoria nenhuma e nós resolvemos</p>	<p>12:58 a 13:47 [49”]</p>

<p>fazer uma greve não por salário, porque não foi uma greve reivindicativa, ela foi uma greve política porque foi uma greve contra os decretos feitos pelo presidente da república em que reduzia os direitos trabalhistas principalmente dos trabalhadores da Petrobras.</p>	
<p>Quando a gente pensa em greve na ditadura, vem a lembrança inevitável do dia 21 de julho de 1983.</p> <p>A famosa greve geral que paralisou cerca de três milhões de trabalhadores de várias categorias no Brasil.</p> <p>Mas antes dela outro movimento abalou as estruturas do regime militar.</p>	<p>BG Trilha 1</p>
	<p>BG Som Rebobinar</p>
<p>Em 83, o militar João Batista Figueiredo, o último da ditadura brasileira, estava no quarto ano de mandato.</p> <p>A crise econômica fervilhava no governo Figueiredo: a dívida externa brasileira total chegou a 220 bilhões de dólares naquele ano.</p> <p>E com o fracasso dos Planos Nacionais de Desenvolvimento e a pressão do Fundo</p>	

<p>Monetário Internacional, os militares baixaram em junho o Decreto Lei 2.036.</p>	
<p>SON [ALENCAR] Eles previram, além de ferrar a classe trabalhadora, porque deixava praticamente duas categorias: quem já tinha direito tinha, quem entrar ali pra frente, por exemplo, não ia ter direito a férias em dobro. E se tratava de quê? De você enxugar a folha de pagamento da Petrobras para tornar ela mais atrativa de ser vendida.</p>	<p>26: 15 a 26:26 [11"]</p>
<p>Esse que acabou de falar é o Antônio Jesus Alencar Ferreira. O Alencar para os companheiros.</p> <p>Eu conheci ele em julho de 2023, na comemoração dos 40 anos da greve que ele ajudou a conduzir na Refinaria de Paulínia.</p> <p>A Replan, localizada em São Paulo, a centenas de quilômetros da região metropolitana de Salvador, é o outro palco dessa história.</p>	<p>BG ENTREVISTA ALENCAR</p>
<p>SON [ALENCAR] Greve naquele tempo era proibido, era palavrão, então ninguém falava disso, né? Então você tinha a sociedade, digamos assim, naquele momento ela estava quase que em um sistema anestesiado. Ou seja, a repressão</p>	<p>1: 42 a 2:06 [24"]</p>

<p>tinha sido tão grande e a ditadura conseguiu quase que normalizar o sistema autoritário.</p>	
<p>Para os petroleiros, falar em paralisação era ainda mais complicado.</p> <p>Imagina só: setor de abastecimento de energia, gás, parar em plena Lei de Segurança Nacional?</p> <p>Em Paulínia, a maior refinaria do país desde sua fundação em 1972, a greve de 1983 seria a primeira em onze anos...</p>	
<p>SON [ALENCAR] Todo mundo tinha medo.</p> <p>Foram vários movimentos, coisas lentas, entendeu? Fazia reuniões para debater, sobre o Marx, poder atuar dentro do sindicato, que a gente podia reivindicar. Declamar de comida, de lanche, essas coisas, que era uma maneira, evidentemente, de mobilizar o pessoal.</p> <p>Minuto de silêncio dentro do refeitório, outras vezes a gente usava o crachá ao contrário.</p>	<p>15: 43 a 16:44 [1']</p>
<p>Na Bahia, a situação era diferente. Construída em 1949, a RELAM foi a primeira refinaria de petróleo do país.</p>	

<p>Ela é anterior até à própria Petrobras, fundada em 1953.</p> <p>O Raimundo Lopes, diretor da Associação de Anistiados Políticos do Sistema Petrobras, a Abraspet, lembra do começo da RELAM.</p>	
<p>SON [RAIMUNDO]</p> <p>Quando eu entrei na Petrobras, os trabalhadores não tinham aquilo que a lei dava. Nós tínhamos deficiência de transportes, de moradia e os adicionais, previstos por lei, nem todos recebiam, como de periculosidade, assistência médica.</p>	<p>0:50 a 01:21 [36"]</p>
<p>Quando o Seu Raimundo entrou na Petrobras, em 1958, os trabalhadores de Mataripe tinham dificuldade de moradia.</p> <p>Localizada em São Francisco do Conde, a refinaria dá de cara com a Baía de Todos os Santos e é acessada pela BA 523, hoje conhecida como ‘Buraqueira’ pelos moradores da região.</p> <p>O Raimundo chegou a morar por muitos anos com toda a família na vila operária, assim como muitos trabalhadores da RELAM.</p>	
<p>SON [RAIMUNDO] E também uma anomalia que era a discriminação entre o</p>	<p>02:01 a 02: 39 [40"]</p>

<p>trabalhador do Nordeste para o trabalhador do Sul, a diferença era de mais de 60%. Isso gerou a nossa primeira greve, que foi em novembro de 60, onde o tema foi ‘Ou equipara ou aqui para’.</p>	
<p>Ao contrário da greve política de 83, em 60 os trabalhadores de Mataripe tinham uma pauta salarial.</p> <p>Mesmo com um sindicato jovem, o movimento foi bem sucedido e conseguiu garantir adicionais de periculosidade, assistência médica, um ajuste salarial de 80%.</p>	
<p>Mas como a alegria do proletariado dura pouco, em 1964 veio o golpe.</p> <p>E com o golpe, começou uma verdadeira caça às bruxas em Mataripe.</p> <p>Os dirigentes sindicais, grevistas de 60, e todos os simpatizantes foram perseguidos, demitidos e presos.</p> <p>Um dos presos políticos de Mataripe foi António Trigueiros. Ele trabalhava como professor na campanha de alfabetização da Petrobras.</p>	<p>Trilha 2</p>

<p>SON [ANTÔNIO] Naquela época, a refinaria tinha 3.500 trabalhadores e 10% era analfabeto.</p>	<p>0: 27 a 0:35 [8"]</p>
<p>O Seu Antônio ensinava pelo método Paulo Freire.</p> <p>Dá pra imaginar que o nome Paulo Freire em uma escola com operários não agradou muito a direção da Petrobras nas mãos dos militares.</p>	
<p>SON [ANTÔNIO] Em 64, fiquei preso quase um ano.</p> <p>Eu fiquei preso inicialmente no quartel do Barbalho, juntamente com Raimundo, o presidente da Abraspet, e mais outros membros da refinaria, umas vinte a vinte e cinco pessoas.</p> <p>Nós entramos no primeiro de abril e fomos tomar banho no fim de maio. No chão, não tinha nada no chão para dormir, a gente dormia lá. Então, a gente tava todo sujo, preto, eu me lembra muito de uma cena dos trabalhadores de carvão na Inglaterra. Quando a gente recebeu a licença para tomar banho, levou mais de uma hora, porque a gente passava o sabão e tirava uma parte. Aí voltava e passava sabão até tirar.</p>	<p>01:25 a 01:36 + 02:42 a 02:54 + 09:22 a 09:59 [1'10]</p>

Além de intervir no sindicato, os militares decidiram criar um quartel general na própria refinaria.	
SON [RAIMUNDO] Alguns trabalhadores foram presos e levados para o alojamento 1200 e todos eles foram torturados. Uma dessas vítimas da tortura teve as unhas arrancadas, apanharam ele, deitaram ele, um ficou em cima dele e o outro foi retirando das mãos.	06:26 a 06:49 + 07:26 a 08:06 [01'3"]
	Trilha instrumental Construção
O papel da Petrobras no monitoramento e tortura dos trabalhadores demorou décadas para vir a público. Os papéis que comprovam a atuação em conjunto da estatal com o Exército vieram à tona apenas em 2023 com uma pesquisa da Universidade de São Paulo com o Ministério Público.	BG instrumental Construção
E dezenove anos depois do golpe, os petroleiros reagiram mais uma vez contra a ditadura. Em 83, a Lei de Anistia já tinha sido promulgada e os petroleiros se organizavam em uma comissão nacional pelos direitos dos grevistas demitidos em 60.	BG instrumental Construção fade

<p>Enquanto isso, no chão de fábrica, a categoria também se organizava contra o decreto de Figueiredo.</p>	
<p>SON [SANTAROSA]: Nós entramos à meia noite do dia 5 de julho e esperamos até às 8h. Como estávamos lá dentro, começou o zum zum zum, a greve vai começar, e o pessoal começou a receber telefonemas, falando para cada um ficar em sua casa amanhã. Então, às 8h que chegaria os ônibus, nós fomos ao alambrado da Replan, para ver a chegada dos ônibus. Eles estavam todos vazios, nenhuma pessoa dentro do ônibus.</p>	<p>01:30 a 2:25 [55"]</p>
<p>O Wilson Santarosa, esse que você acabou de escutar, era operador em Paulínia. Ele estava no turno zero hora que viveu as primeiras horas da paralisação dentro da REPLAN.</p>	<p>BG ENTREVISTA SANTAROSA</p>
<p>Do lado de fora da refinaria, os grevistas se reuniram no Centro de Convivência de Campinas. Do outro lado, a ordem do sindicato era não parar.</p>	<p>BG TRILHA 1</p>
<p>SON [SANTAROSA] Os rádios de dentro da refinaria estavam todos ligados e a gente ouvia as comunicações, e a gente ouviu que</p>	<p>3:20 a 3:39 [19"]</p>

<p>alguém entrou em contato com Carioba, que manda a energia elétrica para a região. E nós ouvimos alguém entrar em contato com Carioba e mandar derrubar a energia.</p>	
<p>Com a energia da casa de força da própria refinaria, os trabalhadores de Paulínia retomaram a operação. Que só pararia horas depois com a ordem do Rio de Janeiro.</p> <p>Na Bahia, a greve foi deflagrada à uma hora da manhã do dia sete de julho.</p>	BG TRILHA 1
<p>SON [GONÇALO] Sendo iniciado por uma das unidades que fornecia matéria-prima para o Polo Petroquímico que era uma das unidades solicitada pela administração para não parar para poder dar continuidade aos trabalhos lá no Polo Petroquímico, mas os trabalhadores não aceitaram e a paralisação foi geral.</p>	8:30 a 8: 59 [29"]
<p>Enquanto em Mataripe a greve começava, em Campinas os militares invadiram e cassaram todos os dirigentes do Sindipetro.</p>	BG TRILHA 1
<p>SON [WANDA] Vinham também Polícia Federal disfarçados, depois que nós descobrimos. Teve até Polícia Federal, que foi até uma loja comprar um cavaquinho com o petroleiro para a gente animar onde o pessoal estivesse em greve.</p>	10:14 a 10:24 [10"]
<p>A Wanda Conti, petroleira aposentada e a primeira mulher na direção executiva de um</p>	BG ENTREVISTA WANDA

<p>sindicato brasileira, se reunia diariamente nas escadarias do Centro de Convivência Cultural de Campinas.</p>	
<p>SON [WANDA] E a medida em que os dias passavam, junto a cada diretor, ficava um petroleiro forte, que tinha condição, se a polícia por um acaso pegasse alguém, ou o que ele tentasse ajudar, ou o que ele fosse avisar aos outros diretores. A gente depois não ficava mais sozinho.</p> <p>Naturalmente eu tirei os meus pais de casa que já eram de idade, por que eu tinha medo que a polícia fosse de madrugada lá me pegar.</p>	<p>11:14 a 11:21+ 11:42 a 11:53 [17"]</p>
<p>Como a Wanda me disse, aquela semana pareceu durar a eternidade, com a Polícia Federal, o DOPS, todos os aparelhos da repressão em cima dos grevistas.</p>	
<p>SON [ALENCAR] A gente se manteve de se reunir todo dia, para manter a chama acesa, e mesmo para um dá força para o outro. Porque se o cara voltasse para casa, primeiro a empresa telefonava para as famílias, era uma pressão danada, era um telegrama que chegava, entendeu?</p>	<p>34:50 a 35:00 [10"]</p>
<p>SON [SANTAROSA] Em um primeiro momento, uma ação nossa lá dentro, foi o show Permanecer. Alguns artistas capitaneados pelo Gonzaguinha resolveram</p>	<p>6: 19 a 7:18 [9"]</p> <p>BG E A LUTA CONTINUA GONZAGUINHA</p>

<p>fazer um show aqui em Campinas no Ginásio Municipal, no Taquaral, com vários artistas todos voluntários para arrecadar fundos para o pessoal que quis se demitir. E o nosso papel era vender ingresso para o show.</p>	
<p>Além da repressão estatal, os grevistas enfrentaram a opinião pública.</p> <p>Os jornais, revistas, rádios e a televisão especulavam uma crise de abastecimento sem precedentes.</p> <p>Os brasileiros iam ficar sem gás nas cozinhas, combustível nos carros e a economia ia parar.</p>	<p>BG E A LUTA CONTINUA GONZAGUINHA</p>
<p>O jornal O Globo publicou no dia oito de julho:</p> <p>A greve dos petroleiros, categoria dos mais bem pagos do país, surge como um dado altamente perturbador dentro da crise sócio econômica brasileira e merece a condenação de todos os setores responsáveis do país.</p>	
<p>SON [WANDA] Os meios de comunicação fizeram de tudo para colocar toda a população contra a greve e consequentemente, contra os petroleiros que estavam em breve. Nós éramos considerados, acho que o Collor também dizia isso, os marajás. Então eles fizeram</p>	<p>8:27 a 8:53 [26"]</p>

<p>entender que a nossa reação à reivindicação era para um aumento de salário, o que não era.</p>	
<p>O cerco se apertava cada vez mais com o passar dos dias e as outras unidades da Petrobras decidiram não se mobilizar.</p>	
<p>SON [WANDA] Num primeiro momento nós tivemos um baque, porque a gente não esperava isso. A gente esperava que pelo menos mais dois ou três entrassem em greve, junto com nós.</p> <p>Mas nós tivemos apoio de outros sindicatos que não eram da categoria. Vieram metalúrgicos, de São Bernardo, que estavam em Piracicaba, e isso eu me lembro muito bem, eles desceram aqui a rua do sindicato, parecia uma avalanche humana, foi muito emocionante</p>	13:29 a 13:41 +14:40 a 15:02 [34"]
<p>SON [ALENCAR] Poderia ter sido mais forte se não tivesse tanto sindicato pelego na época. Se o pessoal de Cubatão tivesse entrado com a gente, São José dos Campos, Belo Horizonte. Porque se essas refinarias parassem a gente praticamente parava a economia do país.</p>	22:07 a 22:32 [25"]
<p>Com a notícia de que outras unidades da Petrobras não entrariam em greve, os sindicatos encerraram em 11 de julho.</p>	BG [E VAMOS À LUTA GONZAGUINHA]

Mas com o fim dela, uma outra luta se desenrolava. Em Mataripe, 206 trabalhadores foram demitidos. Na unidade de Paulínia, 152.	
	TRILHA E VAMOS À LUTA 0:20 a 0:50
SON [GONÇALO] Nossa superintendente na época, ele se chamava Antônio Anchieta, ele recebeu uma determinação do presidente da Petrobras para fazer a demissão por ordem alfabética. E se ele o superintendente tivesse dificuldade de fazer isso, colocasse o nome dele porque ele tinha a letra A.	09:28 a 10:01 [33"]
Além da dispensa discriminatória, os nomes dos demitidos de Mataripe e Paulínia ficaram em uma lista suja que foi passada para as empresas dos pólos das duas regiões.	
SON [SANTAROSA] Eles estavam em uma lista da Polícia Federal que entregou para todas as empresas da região. Teve um companheiro que voltou a trabalhar na indústria, entrou em um dia e foi demitido em outro, porque descobriram que era demitido da Replan. Eles fizeram uma tremenda injustiça, cassaram a condição de trabalhador do sujeito.	19:08 a 19:36 [28"]
A Wanda, que na época atuou no Fundo de Greve do Sindipetro Campinas, recebia	

diariamente as famílias dos petroleiros demitidos.	
SON [WANDA] Eu vivi sustentada por amigos, amigos meus, porque meu pai precisava do meu salário e tudo, eu ajudava em casa. Então os meus amigos, alguns amigos, independente da opinião política que eles tivessem sobre eu ter feito a greve, eles me ajudaram nesse período a que eu tivesse alguma coisa para sobreviver.	19:36 a 20:05 [29"]
A onda que teve início em Paulínia e Mataripe reverberou com a paralisação geral que tomou conta do país apenas dez dias depois.	Sobe Som ato pelas Diretas Já
SON [ALENCAR] Foi muito importante na transformação para uma sociedade democrática, que aí depois abre caminho para a CUT, abre caminho para Constituinte e daí vai. Então isso aí que eu acho que foi, a gente ajudou a abrir a porteira.	22:42 a 22:55 [13"] BG ATO PELAS DIRETAS JÁ
Com a porteira aberta, em janeiro de 1984 os brasileiros tomaram as ruas.	
	TRECHO ATO DIRETAS JÁ ARQUIVO NACIONAL 10”
O fim da ditadura militar no Brasil em 85 significou o retorno ao trabalho para os grevistas.	BG FADE OUT DIRETAS JÁ

A readmissão foi aos poucos, em turmas.	
SON [LUCIANO] Eles foram readmitidos quando deveriam ser reintegrados. Porque a diferença entre readmissão e reintegração é fundamental: a reintegração pressupõe a manutenção de todos os direitos já adquiridos, enquanto a readmissão traz a volta ao emprego com um prejuízo considerável, porque o tempo de serviço anterior fica perdido.	10: 48 a 11:16 [28"]
O Luciano Bittencourt atua há 40 anos na defesa pelos direitos dos anistiados da greve de 83. Ele mesmo foi demitido de Mataripe em 64, junto com aquela leva da primeira greve, e retornou na década de oitenta formado como advogado trabalhista.	BG ENTREVISTA LUCIANO
SON [LUCIANO] Já na condição de advogado, reclamei o pagamento dessa indenização	13:08 a 13:16 [8"]
A indenização que o Luciano fala é o pagamento a todos os demitidos pelo tempo de afastamento e, claro, o cálculo de salário com a projeção do serviço anterior. Podem parecer direitos óbvios que deveriam ser garantidos pela maior empresa estatal do país, certo?	BG ENTREVISTA LUCIANO

<p>Não foi o caso para o Antônio Trigueiros, o professor de Mataripe.</p> <p>Ele não retornou para a Petrobras e só conseguiu a anistia e a indenização em 2000.</p>	
<p>SON [ANTÔNIO] A Petrobras negava meu vínculo empregatício, mas o que ajudou foi que eu fui preso dentro da refinaria e exercendo aquela função. Outra coisa que ajudou foi que existia o Serviço Nacional de Informação.</p>	<p>05:26 a 06:10 [34"]</p>
<p>O Antônio, assim como meu avô, pediu todos os documentos que o SNI tinha reunido sobre ele durante o governo militar.</p>	<p>BG ENTREVISTA ANTONIO</p>
<p>SON [ANTONIO] E lá tinha pouca coisa que eu tinha feito. Mas eles criaram acerca de mim como cidadão altamente perigoso. Que eu tinha ido para a Argélia, inclusive, criaram que eu tinha participado do rapto de um embaixador.</p>	
<p>No caso do seu Antônio toda a documentação reunida contra ele durante aqueles anos ajudou a comprovar o vínculo empregatício com a Petrobras.</p>	<p>BG ENTREVISTA ANTONIO</p>
<p>Mas para 41 demitidos em Mataripe e outros 19 em Paulínia a situação não foi a mesma.</p>	

<p>Até hoje, as associações de anistiados de Campinas e da Bahia lutam pelos direitos a reparação desses anistiados.</p>	
<p>SON [LUCIANO] Nós estamos há 40 anos reclamando isso perante a comissão de anistia.</p> <p>É uma ofensa brutal ao artigo quinto da constituição que diz que todos têm que ser tratados igualitariamente.</p>	<p>13:49 a 15:00 (cortar repetições) [1"]</p>
	<p>Trilha</p>
<p>Durante o governo Bolsonaro, a Comissão de Anistia, que respondia diretamente ao Ministério dos Direitos Humanos de Damares Alves, negou cerca de 95% dos casos julgados.</p> <p>De acordo com dados da gestão atual, quatro mil e oitenta um dos quatro mil duzentos e oitenta cinco casos foram negados.</p>	<p>BG TRILHA</p>
<p>SON [SANTAROSA] O governo Temer e Bolsonaro a relação era zero, era de truculência, em especial no governo Bolsonaro, não recebia o sindicato, mesmo na data base de negociação.</p> <p>É um direito inalienável dos trabalhadores terem seu instrumento de trabalho, de luta e de negociação. Senão, deteriora as</p>	<p>16:10 a 16: 26 + 17:08 a 17:39 [47"]</p>

condições de trabalho. No governo Bolsonaro, a empresa parou de investir.	
De 2019 a 2022, a Petrobras vendeu 54 ativos. Entre os ativos, estava a Refinaria de Mataripe, vendida por oito bilhões de reais para um fundo árabe.	BG ENTREVISTA SANTAROSA FADE
SON [WANDA] Porque a direita ela não esquece, né? Ela vai indo, então é isso que a gente perde de vista. Então ela foi implantando, ela terceirizou muito o serviço da Petrobras.	
	Trilha
Quanto ao meu avô, a anistia foi concedida no dia vinte e um de setembro de 2004.	BG TRILHA FADE
SON [GONÇALO] A greve ela ensinou, que saímos daquela paralisia de que não podia se fazer greve e mostramos que era possível sim fazer greve mesmo na ditadura.	
	Trilha
	TRILHA + BG GONZAGUINHA INSTRUMENTAL

Referências bibliográficas

GREVE de 1983 - Ousamos lutar, ousamos vencer!. Direção: Carol Athayde. Produção: Linda Gomes. Salvador: Agência Vermelho Limão, 2023.

IVO, Alex de Souza. **Uma história em verde e amarelo**: classe operária, trabalho e sindicalismo na indústria do petróleo. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas: UFBA, 2018.

LUCENA, Carlos. **Aprendendo na Luta**: a história do sindicato dos petroleiros de Campinas e Paulínia. SP: Editora Publisher Brasil, 1997

LUCENA, Carlos. **Os tempos modernos do capitalismo monopolista**: um estudo sobre a Petrobrás e a (des) qualificação profissional dos seus trabalhadores. Tese de doutorado, Faculdade de Educação : Unicamp, 2001.

LUCENA, Carlos. **Seis de Julho**: a greve dos petroleiros de 1983. MG: Editora Navegando, 2023.

LUCENA, Carlos. **Tempos de destruição**: educação, trabalho e indústria do petróleo no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, MG: Edufu, 2004.

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

MANZINI, E.J. **Entrevista semi-estruturada**: análise de objetivos e de roteiros. São Paulo: Unesp, 2013.

MEMÓRIAS | Greve de 1983. Direção, Produção, Som e Fotografia: Guilherme Weimann. Edição: Bruno Ferrari Transcrições: Vítor Peruch. Trilha Sonora Original: Thiago Gal. Arte e Design: Rangel Egídi. Campinas: TV Petroleiros, 2023.

REA, L.M.; PARKER, R.A. **Metodologia de pesquisa: do planejamento à execução**. Trad. Nivaldo Montingelli Jr. São Paulo: Pioneira, 2000.